



Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

ISSN: 1809-5844

ISSN: 1980-3508

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação (INTERCOM)

Miranda, Fernanda Chocron; Geerts, David
Caracterizando práticas de assistência de vídeo entre jovens a partir de Fluxos Interacionais
Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação,
vol. 41, núm. 2, Maio-Agosto, 2018, pp. 81-105
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)

DOI: 10.1590/1809-5844201825

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69857815005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos academia projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso aberto

Caracterizando práticas de assistência de vídeo entre jovens a partir de Fluxos Interacionais

Characterizing video watching practices among young people with Interaction Flows

Caracterizando prácticas de visualización de videos entre jóvenes a partir de Flujos de Interacción

DOI: 10.1590/1809-5844201825

Fernanda Chocron Miranda¹

<http://orcid.org/0000-0002-1774-6402>

David Geerts²

<https://orcid.org/0000-0003-3933-9266>

¹(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre – RS, Brasil)

²(Katholieke Universiteit Leuven, imec, Meaningful Interactions Lab. Leuven, Bélgica)

Resumo

Esse texto apresenta os resultados de um estudo de diário (baseado em um conjunto de cartões) conduzido por duas semanas, seguido de entrevistas semiestruturadas com dez participantes do gênero feminino que vivem em uma cidade universitária de médio porte localizada na Bélgica. Os achados revelam a diversidade de práticas de assistência de vídeo que prevalecem na era da convergência midiática e como estas são resultado de combinações pluri-dimensionais que essas jovens constroem baseadas em diferentes gêneros e tipos de conteúdo, provedores e telas usados em diferentes espaços e temporalidades. Como resultados apresentamos quatro tipos de fluxos interacionais, cada um centrado em um elemento fixo: conteúdo favorito, determinado provedor, horário ou local específico. Esses fluxos ilustram como novas práticas de assistência de vídeo coexistem com hábitos tradicionais e que estes são resultados de uma reformulação de comportamentos já descritos em estudos anteriores.

Palavras-chave: Consumo de vídeo. Fluxos interacionais. Estudo de diários. Jovens. Bélgica.

Abstract

This text presents the results of a diary study (based on a deck of cards) conducted for two weeks, followed by semi-structured interviews with ten female participants who live in a mid-sized student town in Belgium. The findings reveal the diversity of current video watching practices prevalent in this era of media convergence and how they are the result of pluri-dimensional combinations that these young people construct based on different genres and types of content, providers and screens

used in different locations and temporalities. As results, we present four types of interaction flows, each centred on one fixed element: favourite content, a certain provider, a specific time or location. These flows illustrate how new video watching practices coexist with traditional habits, and that they are the result of the reshaping of behaviour described in previous studies.

Keywords: Video consumption. Interaction flows. Diary study. Young people. Belgium.

Resumen

Este texto presenta los resultados de un estudio de diario (basado en un conjunto de tarjetas) conducido por dos semanas, seguido de una entrevista semiestructurada, con diez participantes del género femenino que viven en una ciudad universitaria de tamaño mediano ubicada en Bélgica. Los hallazgos revelan la diversidad de prácticas de asistencia de video que prevalecen en la era de la convergencia mediática y como éstas son el resultado de combinaciones pluri-dimensionales que estos jóvenes construyen basadas en diferentes géneros y tipos de contenido, proveedores y pantallas usadas en diferentes espacios y temporalidades. Como resultados, presentamos cuatro tipos de flujos de interacción, cada uno centrado en un elemento fijo: contenido favorito, determinado proveedor, específico horario o local. Estos flujos ilustran cómo las nuevas prácticas de asistencia de video coexisten con hábitos tradicionales, y que estos son los resultados de una reformulación de comportamientos ya descritos en estudios anteriores.

Palabras clave: Consumo de video. Flujos de interacción. Estudio de diario. Jóvenes. Bélgica.

Introdução

A televisão passa atualmente por uma forte transição tecnológica na medida em que uma variedade de fontes de conteúdo, plataformas e tecnologias possibilitam diferentes formas de assistir vídeos. Diante desse contexto, as novas gerações de jovens demandam especial atenção, considerando que, geralmente, são elas as primeiras a adotar as novas tecnologias. Como Martín-Barbero (2014) descreveu, esse grupo possui uma preferência por recursos audiovisuais e digitais. São essas as linguagens com as quais estabelecem práticas socioculturais e vínculos com seus pares. Por essas tendências estarem evoluindo rapidamente, a ponto de ser difícil para uma pesquisa acompanhá-las, o presente estudo espera apresentar algumas contribuições sobre as atuais práticas de consumo desse grupo.

Nosso principal foco é identificar as práticas de assistência de TV e criar tipologias baseadas nos *fluxos interacionais* delineados por jovens. Em nosso entendimento, *fluxos interacionais* são conexões *pluri-dimensionais* (OROZCO GÓMEZ, 2011) estabelecidas por espectadores, nas quais diferentes tipos de *conteúdo* (gênero/formato e transmissão ao vivo, gravada e/ou sob demanda), *fontes de conteúdo/provedores* (emissoras de TV tradicionais e/ou plataformas *online*) e múltiplas *telas* (sincronizadas ou não), usadas em diferentes *locais* e *temporalidades* estão envolvidos.

Definir fluxos interacionais significa caracterizar as associações desses componentes da assistência realizadas pelos jovens. Para isso, desenvolvemos um estudo no período

de outubro a novembro de 2017, em uma cidade universitária de médio porte localizada na Bélgica, com dez participantes do gênero feminino (de 18 a 23 anos de idade) todas estudantes universitárias¹.

O estudo empregou um diário baseado em cartões, composto por um total de 93 cartões armazenados em uma caixa plástica. Ao invés de um diário tradicional que é comumente usado em pesquisas no domínio da Interação Humano-Computador (IHC) – baseado em uma estrutura linear a ser preenchida – a ideia foi oferecer algo não-linear, portátil e fácil de ser manipulado pelos participantes aonde quer que pudessem estar assistindo vídeos. O formato também se mostrou conveniente e frutífero por facilitar o processo de análise dos dados, nos permitindo agrupar os cartões (individualmente por participante e em grupos), para verificar padrões e identificar diferentes associações/combinacões delineadas pelas participantes com os recursos que elas tinham disponíveis em seus contextos de consumo de mídia.

Este artigo apresenta achados significativos sobre as práticas de assistência de vídeo de jovens estudantes do gênero feminino. Sua principal contribuição é a caracterização de quatro tipos de *fluxos interacionais* baseados no comportamento de nossas participantes. O texto apresenta uma diversidade de práticas de assistência que se manifestam no atual contexto de convergência de mídia e como novos comportamentos baseados nas possibilidades tecnológicas coexistem com hábitos tradicionais. Por fim, apresenta uma abordagem que pode permitir a outros pesquisadores caracterizar *fluxos interacionais* semelhantes envolvendo outros públicos.

Trabalhos relacionados

Entender novas práticas de consumo de TV tem desafiado muitos pesquisadores e profissionais nos últimos anos. De acordo com Courtois et al (2012), diante do atual contexto de convergência midiática, existe uma tensão entre práticas de assistência domésticas, relacionadas a um contexto micro, e práticas sociais mais amplas de assistência, nas quais o consumo de TV está se tornando fluido ao longo do tempo e disperso por diversas telas. Os autores argumentam que temos que levar em consideração diferentes configurações sociais e espaciais, indo de espaços privados aos públicos.

Em uma das primeiras tentativas de produzir sentido sobre essas mudanças, Barkhuus & Brown (2009) descreveram como a introdução de novas tecnologias para gravação e download de programas de TV, tais como gravadores pessoais de vídeo (*Personal Video Recorders - PVRs*) e computadores, reconfiguraram as práticas diárias de assistir televisão

¹ Este estudo é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento na UFRGS e na KU Leuven e foi desenvolvido durante missão de estudo no *Mintlab* (KU Leuven), financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), através de bolsa do projeto “Matriz comparativa de pesquisas qualitativas com usuários de tecnologias digitais”, iniciativa de cooperação internacional entre UFPA, KU Leuven e UFRGS, que foi aprovada na 2^a Chamada do Programa Geral de Cooperação Internacional (PGCI, Edital CAPES n. 02/2015). Este estudo também foi apoiado pelo Mintlab, por meio de contrato de pesquisa com a emissora pública holandesa NPO (Nederlandse Publieke Omroep), nas quais os autores estiveram envolvidos.

em casa. Pelo uso de PVRs, DVD *players* e da *Internet*, conteúdo em vídeo tem sido assistido cada vez de forma desintegrada do fluxo televisivo linear (*time-shifted*).

Baseados em entrevistas em profundidade com usuários dessas tecnologias no Reino Unido, Barkhuus & Brown (2009, p. 20 - Tradução nossa) relataram como essas novas possibilidades afetam “o espectro geral de assistência”, considerando que agora as pessoas podem escolher o que, quando, onde e com quem assistir. Assim sendo, é crucial nesse novo contexto entender como as pessoas organizam suas práticas de assistência baseadas em diferentes níveis de satisfação e diversão e como essas tecnologias facilitam um comportamento mais seletivo quanto ao que assistir.

Em publicação anterior relacionada ao mesmo estudo, Brown & Barkhuus (2006) propuseram a noção de “ciclo de vida da TV” que vai do ato de procurar informações sobre um programa, selecionar, gravar ou “baixar” conteúdo e definir quando e com quem se assiste, antes de realmente sentar e assistir. Os autores mostraram que mesmo que o ritmo de consumo de TV tenha mudado (não mais guiado pelo fluxo linear), essas novas possibilidades aumentaram o engajamento com o conteúdo televisivo entre os participantes do estudo. Isso nos remete ao que Orozco Gómez (2014) diz sobre a gramática específica do conteúdo televisivo. Independentemente da tecnologia utilizada para acessar o conteúdo em vídeo (ao vivo, gravado ou sob demanda), aprendemos a assisti-la no aparelho de TV e estabelecemos uma relação sensorial e emocional com o conteúdo a partir de passos específicos e narrativas familiares, com as quais já estamos engajados.

Por volta da mesma época, Rudström et al (2009) descreveram como respondentes de um questionário na Suécia estavam fazendo uso e se apropriando de conteúdo sob demanda, naquele momento disponível principalmente através do computador. Esse estudo revelou que, mesmo que os usuários estivessem interessados em reconfigurar suas práticas de assistência e não serem mais dependentes dos horários de TV, eles continuavam assistindo conteúdos específicos (como notícias, esportes e outros) diretamente na TV e veiculados em uma grade linear de programação.

Mais recentemente, Vanattenhoven & Geerts (2015), baseados em entrevistas realizadas em residências na Bélgica, descreveram como o modelo tradicional de transmissão e as possibilidades da assistência sob demanda ainda estão organizadas em meio às rotinas diárias das atividades domésticas. Por outro lado, diferentes formas de assistir demandam diferentes níveis de atenção ao conteúdo. Os autores concluíram que “a atual situação de diversos serviços fragmentados (...) pode dificultar os usuários finais a assistirem TV da maneira como gostariam” (VANATTENHOVEN; GEERTS, 2015, p.81 - Tradução nossa), mostrando que somente ter o acesso a essas novas possibilidades não os direciona, automaticamente, a uma transição suave da experiência de assistência.

Em estudo ainda mais recente, Shokrpour & Darnell (2017) realizaram observações naturalísticas em residências privadas (utilizando câmeras portáteis) nos Estados Unidos,

seguidas por visitas às residências e entrevistas. Eles reconheceram diversas práticas multi-tarefa e identificaram quatro níveis de atenção durante a assistência de TV. Isso se alinha com o que Fechine (2014) descreveu a respeito das duas principais formas de “assistir TV” durante as rotinas diárias, estabelecidas há um longo tempo e guiadas pela lógica linear da programação de TV. A pesquisadora identificou “o regime do contemplar” e “o regime do espiar”. No primeiro, o espectador tem o hábito de ligar a TV por conta de seu conteúdo, que pode ser algo específico que ele/ela gosta e lhe requer a atenção. O segundo, o espectador liga a TV e a deixa como pano de fundo para uma série de outras atividades, incluindo assistir conteúdo audiovisual por meio de outras telas.

Por meio de uma etnografia em residências no Reino Unido, Rigby et al (2017) observaram como as pessoas constroem múltiplos fluxos de conteúdo com diferentes dispositivos utilizados de forma simultânea. Os pesquisadores descobriram que os seus participantes ainda valorizam o aspecto social do sentar junto para assistir algo na sala de estar, enquanto, ao mesmo tempo, todos também estão paralelamente assistindo a vídeos aleatórios em outras telas, relacionados ou não ao conteúdo do aparelho de TV. Isso revela que a televisão continua sendo um ponto de encontro, mesmo que agora inclua o uso de outros dispositivos.

Esses estudos indicam como o processo de consumir conteúdo televisivo dá espaço para novas formas de “ver TV”. Por isso, para Scolari (2014), uma descrição apropriada de práticas diárias de assistência precisa ir além de acompanhar um fluxo de programação linear e incluir também a assistência de vídeos no YouTube, a prática de “baixar” ilegalmente um filme ou assisti-lo em plataformas de *streaming*, entre outras possibilidades.

Enquanto os estudos citados acima envolvem uma gama de espectadores, nosso foco foi em estudantes universitárias do gênero feminino, um grupo específico de espectadoras que assistem vídeo utilizando os mais novos serviços e tecnologias. Com grupo similar ao de nosso estudo, Barkhuus (2009) realizou entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários (de 19 a 23 anos de idade) da Califórnia (Estados Unidos), que moravam parte de seu tempo na casa dos pais. A autora mostrou como as práticas de assistência de vídeo entre jovens estava se dando mais frequentemente em telas de computador do que no tradicional aparelho de TV. Entretanto, ao invés de ser uma experiência negativa, essa prática aumentou o engajamento desses jovens com o conteúdo televisivo e permitiu novas formas de socialização ao redor desse conteúdo, tanto face-a-face quanto através de plataformas *online*. Mesmo que os participantes tendessem a personalizar suas práticas de assistência, a TV ainda desempenhava um importante papel na experiência social, “não através da assistência em grupo, mas, em vez disso, através da comunicação sobre os programas televisivos” (BARKHUUS, 2009, p.2479 – Tradução nossa).

Além disso, enquanto a maioria dos estudos tem como foco o ambiente da sala de estar ou a casa como o local para a assistência de TV ou vídeos *online*, nós trabalhamos com um leque maior de locais, bem como observamos diferentes temporalidades e serviços

de distribuição de vídeo. Com uma metodologia baseada em diários seguida por entrevistas em profundidade, realizadas com participantes dos Estados Unidos, McNally & Harrington (2017) mostraram como *millennials* assistem a vídeos para dispositivos móveis, quais são as suas motivações e como eles acessam esse conteúdo.

Nosso estudo objetiva se somar aos esforços de pesquisa já existentes, ao oferecer uma abordagem estruturada para caracterizar comportamentos emergentes de assistência, utilizando o conceito de *fluxos interacionais*. Por meio de quatro exemplos, baseados em um público muito específico, mostramos como podemos produzir sentido a respeito de práticas aparentemente desconexas de assistência de vídeo. Os *fluxos interacionais* visibilizam como os espectadores combinam essas novas tecnologias e serviços para construir novas situações de assistência, que às vezes possuem as mesmas motivações e coexistem com hábitos tradicionais de assistência.

Metodologia

Conduzimos um estudo de diários baseado em cartões de 7 a 21 de novembro de 2017, seguido por entrevistas semiestruturadas individuais, realizadas entre 21 e 24 de novembro de 2017. Os diários baseados em cartões foram entregues e preenchidos por dez participantes do gênero feminino (18 a 23 anos de idade), sendo oito belgas e duas holandesas. Elas preencheram os cartões informando todas as vezes em que assistiram TV ou vídeo *online* durante aquele período, em qualquer local e via qualquer serviço de distribuição de conteúdo. Como resultado, cada cartão representa uma configuração específica de assistência televisiva ou de vídeo *online*. Após esse preenchimento, cada participante foi entrevistada com base no conteúdo que registrou em seus cartões.

Recrutamos as participantes através de anúncio nos perfis de redes sociais (Facebook e Twitter) de nosso grupo de pesquisa e pedimos a colegas que o compartilhassem para que alcançássemos um maior grupo de pessoas. Nesse anúncio, o calendário da pesquisa foi mencionado (com datas e o local para as entrevistas e entrega dos diários) e foi informado que haveria uma pequena recompensa aos participantes (um vale-presente para uma plataforma de vídeo sobre demanda ou para o cinema). O convite para a pesquisa também foi fixado no quadro de avisos de uma das maiores residências estudantis da cidade e anunciado numa sala de aula da disciplina de IHC. No anúncio, havia um *link* para um pequeno questionário a ser preenchido pelos interessados. Entre 23 de outubro e 7 de novembro de 2017, dez participantes do gênero feminino se inscreveram.

Frequentemente, os estudos de orientação qualitativa são criticados por sua impossibilidade de generalizar resultados. Entretanto, o objetivo da pesquisa qualitativa é oferecer reflexões aprofundadas sobre micro-processos a partir de uma amostra não representativa, o que possui o mesmo valor científico que as macro análises realizadas por estudos quantitativos (HAGUETTE, 1987; OROZCO GÓMEZ; GONZÁLEZ, 2011).

O foco em um grupo muito específico (dez jovens participantes do gênero feminino, de uma região específica da Europa e com perfil de educação superior) agregou valor a este estudo. Apesar de impossibilitados de fazer afirmações sobre uma população mais ampla, esta foi uma experiência produtiva de mapeamento e de análise de dados qualitativos e nos possibilitou explorar o potencial analítico dos *fluxos interacionais*.

Como apresentaremos nesta seção, a combinação do estudo de diários com entrevistas nos proporcionou um quantitativo significativo de dados estruturados de cada participante. Isso nos demandou dois níveis de análise: um por participante e um por grupo. Baseados nessa dupla abordagem, conseguimos identificar os *fluxos interacionais* que revelam como as participantes tomam suas decisões, quais as motivações de suas práticas de assistência de vídeo e como essas situações são fluidas e relacionadas a preferências muito específicas, que vão para além do interesse somente pelo conteúdo.

Perfil das participantes

Com exceção da Participante 4 (P4) que é estudante de mestrado, as outras nove participantes são estudantes de graduação. Por conta de seus estudos, oito das dez vivem sozinhas em residências estudantis da cidade em que estudam. Sete delas permanecem apenas durante dias úteis, passando os fins de semana na casa dos pais, e P9 reside permanentemente na cidade em que estuda. Duas participantes (P4 e P7) vivem com seus companheiros. Os perfis são detalhados na Tabela 1:

Tabela 1 - Perfil das participantes

Participantes	Idade	Nacionalidade	Mora com	Área de estudo
P1	19	Belga	Sozinha/Com os pais	Comunicação
P2	19	Belga	Sozinha/Com os pais	Comunicação
P3	20	Belga	Sozinha/Com o pai	Comunicação
P4	23	Belga	Com companheiro	Biomedicina
P5	20	Holandesa	Sozinha/Com a mãe	Comunicação
P6	19	Belga	Sozinha/Com os pais	Ciência Política
P7	19	Belga	Com companheiro	Comunicação
P8	18	Belga	Sozinha/Com os pais	Biomedicina
P9	20	Holandesa	Sozinha	Comunicação
P10	18	Belga	Sozinha/Com os pais	Odontologia

Fonte: Criada pelos autores.

Três participantes, além de estudar, trabalham regularmente: P2 trabalha todos os dias em uma padaria; P4 é a residente responsável pela casa de estudantes onde mora e

trabalha meio período em um laboratório coordenado por sua orientadora de mestrado; P6 trabalha todo sábado em uma loja de departamento na cidade em que seus pais vivem. Além disso, P1 mencionou que às vezes trabalha como babá e P3 gostaria de começar a trabalhar voluntariamente em um cinema.

Em relação à posse de tecnologia e práticas de consumo midiático, todas declararam possuir um *smartphone* e um *notebook* como dispositivos pessoais. P3 também possui um *tablet*, o qual é regularmente usado apenas por ela. P4, P7 e P9 possuem suas próprias televisões em casa (duas vivem com seus parceiros e uma sozinha) e as outras possuem um aparelho de TV na casa dos pais, sendo dois aparelhos no caso de P2 e de P6. P6 e P8 também possuem uma *Smart TV* na casa dos pais e P7 e P10 frequentemente conectam o *notebook* com a TV na sala de estar.

Todas as participantes possuem acesso a *Wi-Fi* em casa (de parentes/companheiros ou na residência estudantil) e também contam com disponibilidade do sinal de *Internet* em todos os espaços da universidade que estudam. Como não querem permanecer conectadas o tempo todo, três participantes não possuem dados móveis em seus *smartphones* (P4, P8 e P10). As outras participantes dispõem do serviço, mas nunca o utilizam para assistir vídeos, somente para responder mensagens e checar seus perfis nas redes sociais quando estão fora ou quando não há conexão *Wi-Fi*. Nos cartões, somente P9 relatou situações em que usou dados móveis para assistir a algo. De acordo com ela, isso é porque a conexão *Wi-Fi* não é tão boa em sua residência estudantil. Geralmente são os pais das participantes que pagam pelo serviço, exceto no caso de P9.

Com exceção de P7, P9 e P10, todas as participantes possuem assinatura da Netflix. No caso de P6, trata-se de uma conta familiar, mas ela não tem a permissão da mãe para utilizá-la durante a semana quando está na cidade universitária, pois deve ficar focada nos estudos. P3 tem uma assinatura própria e as outras cinco participantes têm uma inscrição compartilhada com familiares e amigos.

Material do estudo de diários

Nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2017 nós entregamos em mãos os diários para as participantes, junto com o formulário de consentimento, e explicamos a elas sobre o funcionamento do material e como deveriam usá-lo. O diário consistia em uma pequena caixa de plástico (ver Figura 1), contendo uma pequena caneta e 93 cartões, sendo:

- 80 cartões formulário com dez campos a serem preenchidos, caracterizando o momento específico de assistência de um vídeo: o horário e onde estava assistindo, o título do conteúdo, informações sobre a tela, fonte de conteúdo/provedor, tipo de conteúdo e conexão à *Internet* (se utilizada) e se a experiência foi individual ou acompanhada de alguém. No verso de cada cartão havia uma pergunta extra.

Ao todo haviam oito diferentes questões que foram distribuídas aleatoriamente nos cartões, estas relacionadas ao uso de segunda tela, práticas de comentar/compartilhar conteúdo nas redes sociais, opinião/impressão sobre o conteúdo assistido, como se chegou a assistir esse conteúdo e possíveis atividades multi-tarefa realizadas em paralelo à assistência de TV (*multitasking*);

- 12 cartões na cor preta com perguntas sobre o perfil da participante (dados pessoais e informações sobre posse e uso de tecnologia);
- Um cartão de instruções, contendo no verso um exemplo de como realizar o preenchimento do cartão formulário;

Figura 1 - Material do estudo de diário e exemplos de cartões



Fonte: Acervo da pesquisa.

O objetivo desse formato de diário foi desenvolver uma solução portátil para obter informações em uma ampla variedade de práticas de assistência. O diário era de fácil manipulação durante atividades diárias e foi útil para coletar dados durante um período de duas semanas. Isso nos permitiu cobrir possíveis “brechas” que teríamos perdido em uma observação direta e/ou trabalhando com procedimentos de estrutura mais rígida, como questionários.

Entrevistas

De 21 a 24 de novembro de 2017, dez entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as participantes, durando em média 49 minutos cada uma e totalizando oito horas e 15 minutos de gravação em áudio e vídeo. Cada entrevista foi dividida em três etapas. Na primeira, trabalhamos com as participantes na montagem de um calendário de assistência

de vídeo, no qual elas tiveram que distribuir seus cartões por dia e horário e depois agrupá-los por provedor e tela com o uso de *post-its* (Figura 2). Elas então rapidamente liam os cartões e os identificavam com adesivos coloridos para indicar quando elas assistiram a algo *online* (*versus offline*) e sozinha (*versus* acompanhada). Durante esse processo, que durava em média 25 minutos (o tempo variava de acordo com o montante de cartões preenchidos), fizemos perguntas às participantes a partir dos cartões dispostos na mesa ou sobre a ausência de cartões em determinado período.

Figura 2 - Participante agrupando cartões durante a entrevista



Fonte: Acervo da pesquisa.

Em uma segunda etapa, discutimos o perfil das participantes baseados nos cartões de dados pessoais na cor preta. Na etapa final, perguntamos questões mais gerais sobre seus hábitos de assistência de acordo com o que estava escrito nos cartões e se estes eram os mesmos do passado, especialmente quando elas ainda viviam integralmente na casa dos pais.

Para analisar o material coletado, os cartões foram organizados em ordem cronológica e os dados foram transferidos para tabelas *online*. Em seguida, inserimos as tabelas como fontes de conteúdo no *software* de análise de pesquisa qualitativa *QSR Nvivo 10* e codificamos cada dado dos cartões em uma lista de nós, preparada previamente, de acordo com data, tempo, tipo de conexão de *Internet*, tipo de conteúdo, conteúdo assistido, provedor, local, entre outros. Baseados nesses dados, geramos matrizes de codificação para cruzar os dados dos nós de acordo com os interesses de análise.

Resultados

Todas as participantes juntas preencheram um total de 307 cartões. O número de cartões por participante foi bem variado (ver Tabela 2). O número médio de cartões por

participante foi de 30,7 ($sd=24,8$). P1, P2 e P9 entregaram uma média superior de cartões, respectivamente 80, 62 e 52. Outras participantes estiveram abaixo da média, variando entre 11 (P4) e 28 (P6) cartões.

Tabela 2 - Total de cartões preenchidos por participante

Participantes	Cartões	Cartões por dia	Dias utilizando o diário
P1	80	5,7	14
P2	62	4,4	14
P3	19	1,1	16
P4	11	0,6	16
P5	17	1,2	14
P6	28	1,7	16
P7	12	0,7	17
P8	13	0,7	17
P9	52	3,2	16
P10	13	0,7	17

Fonte: Criada pelos autores.

Embora tenha havido uma leve variação na quantidade de dias em que as participantes tiveram a posse dos diários (entre 14 e 17 dias), isso não esteve claramente relacionado ao número de cartões que foram preenchidos. Ao contrário: P1 ficou com sua caixa por 14 dias e preencheu todos os 80 cartões disponíveis, enquanto que as participantes com menos cartões (P4 e P7), ficaram com o diário durante 16 e 17 dias respectivamente. Checando a média de número de cartões por dia, podemos ver que seis das dez participantes tiveram uma média de mais de um cartão por dia (P1, P2, P9, P6, P5 e P3), sendo P1 a mais produtiva, alcançando a marca de quase seis cartões por dia. No caso de P4, P7, P8 e P10, mesmo que a média de número de cartões por dia tenha sido menor que um, ainda as consideramos para análise por conta dos cartões, no total, oferecerem *insights* interessantes sobre suas práticas.

Período do dia & Local

Organizamos os cartões junto às participantes por “manhã” (05h a 11h59), “tarde” (12h a 17h59) “noite” (18h a 23h59) e “madrugada” (00h a 04h59). Para isso, utilizamos o horário registrado por elas nos cartões.

Observando os dados de todas as participantes, o período em que a maioria dos vídeos foram assistidos foi a noite, com 44,6% do total de 307 cartões, seguida pela tarde com 33,5%. Somente P2 e P9 tiveram mais cartões com momentos de assistência de vídeo à tarde do que em qualquer outro horário, sendo 29 e 22 cartões, respectivamente 46,7% e 44% do que cada

uma delas assistiu durante o período usando o diário. Quatro participantes não assistiram vídeo algum no período da madrugada (P3, P4, P8 e P10). Três delas não registraram nenhuma assistência de vídeo pela manhã (P4, P7 e P8), as quais descreveram nas entrevistas como o momento de estudar e/ou trabalhar. Para cinco das participantes, mais de 50% de tudo que foi assistido ocorreu durante a noite, sendo quase 80% no caso de P3.

O local onde a maioria das assistências de vídeo se deu foi a residência estudantil (58,9% dos cartões), notadamente os quartos individuais (47,8%). Esse foi o lugar onde nove das dez participantes informaram ter assistido vídeos durante o estudo. A única participante que informou assistir vídeos somente em casa foi P7, considerando que ela divide a casa com seu companheiro, onde a maioria de suas assistências de vídeo ocorreu. Em segundo lugar está a casa dos pais (15,6%), onde sete participantes vão regularmente nos finais de semana/feriados, especialmente na sala de estar (10,4%). Na sequência, identificamos diversos locais ao redor do *campus* universitário (8,4%) e casas de amigos ou vizinhos (8,1%) como lugares para assistência de TV/vídeos *online*. Em ambos os lugares, a maioria das práticas de assistência foram coletivas, mas com motivações variadas: de tempo de lazer planejado com os amigos (P1, P2, P3, P5 e P9), à necessidade de entreter alguém enquanto trabalhava como babá (P1).

Nos poucos casos em que a assistência de vídeos ocorreu em sala de aula ou no auditório da universidade, cinco cartões (1,6%) reportaram conteúdo de vídeo mostrado pelos professores (P1 e P2) e cinco outros registros estiveram relacionadas a momentos de desvio de atenção do conteúdo da aula para checar e assistir “*stories*” aleatórios ou conteúdo disponível na *timeline* do Instagram e do Facebook, em todos os casos utilizando o *smartphone* (P1, P2, P5 e P7).

Um aspecto interessante é que alguns cartões foram preenchidos no banheiro. Apesar de não haver muitas dessas no *corpus* total (somente oito cartões de quatro participantes, 2,6%), isso revela o nível de penetração alcançado por esse formato de diário, em comparação a outros estudos que limitam a coleta de dados à locais específicos das casas dos participantes (ver como exemplo Shokrpour & Darnell, 2017).

Quando cruzamos os dados relacionados a Período do dia e Local, podemos ver que a noite foi o período mais ativo de assistência de vídeos para as participantes, mas a maior diversidade de locais se deu no período da tarde.

Em relação ao período da noite, as entrevistas mostraram que até mesmo para as estudantes que estão morando fora da casa dos pais durante a semana, à noite a rotina é similar ao que elas tinham no passado. Por exemplo, P4 comentou que quando ela deixou a casa dos pais pela primeira vez para estudar e não tinha um aparelho de TV em seu quarto de estudante, suas práticas de assistência se concentravam na tela do *notebook* e quase tudo era *online* ou sob demanda. Hoje em dia, vivendo com seu companheiro, onde há uma *Smart TV* na sala de estar, ela ainda assiste *online*, mas sente agora que suas práticas são mais ou

menos as mesmas que ela tinha no passado, especialmente combinando a assistência de TV com outras atividades. Isso, segundo ela, era impossível quando assistia no *notebook*, pois ele demandava atenção integral ao conteúdo.

Até mesmo entre as participantes que assistem a vídeos mais em seus *notebooks*, os cartões revelam certos hábitos de assistência de vídeo que poderiam ser vistos como “tradicionais”, diretamente relacionados a sentar/deitar na sala de estar ou na cama, a preparar e fazer refeições, seguidos por relaxar enquanto se assiste ao conteúdo favorito de maneira regular (P1, P2, P3, P4, P5, P7 e P8).

De tarde, as práticas de assistência de vídeo variam bastante. As mais frequentes entre as participantes são aquelas que se dão nos intervalos das atividades de estudo (P1, P2, P3, P6 e P9), tarefas domésticas em geral, tais como passar roupa, cozinhar, lavar louça e outras (P1, P2, P5 e P6), exercícios físicos (P4 e P8), descanso do final de semana (P1, P3, P4, P5, P9) ou em momentos de espera (P2 e P9). Durante as tarefas domésticas, na maioria das situações o conteúdo de TV esteve como pano de fundo.

Assistindo sozinha versus acompanhada

Identificamos uma concentração de momentos de assistência em casas de amigos ou vizinhos nas tardes ou noites, notadamente nas quintas, sextas e sábados. Com a exceção de três cartões (0,9%), nas quais P1 estava sendo babá durante as manhãs, todas as outras situações informadas por cinco participantes (P1, P2, P3, P5 e P9) estão relacionadas a momentos planejados para assistir coletivamente a conteúdo de interesse comum, frequentemente vídeos de média ou longa duração, que vão de episódios de séries, finais de *reality show*, a filmes. Destacamos as situações de assistência de vídeo compartilhadas entre P1 e P2, que são amigas de infância e que, quando estão na cidade, na qual estudam e moram no mesmo prédio, se encontram no período da noite para assistir séries e novelas durante as refeições. De modo parecido, as irmãs P2 e P8 também vivem fora da cidade-natal para estudar e frequentemente se encontram durante as noites da semana para assistir algo.

Também identificamos práticas coletivas de assistência ligadas à família das participantes, tais como as de P4 e P7, que regularmente assistem com os companheiros com quem moram, assim como P3, P5, P6 e P10 que quando estão em casa com seus pais e irmãos, seguem o ritual de sentar no sofá e assistir algo depois do jantar. Essas práticas estão diretamente ligadas a dias mais específicos da semana e horários em que todos estão disponíveis para estar juntos. Há inclusive um conteúdo específico que é assistido pela família de P10 nos sábados (o programa de variedades “Iedereen beroemd” do één²), pela família de P7 nos domingos (o *talk show* “Zondag met Lubach” da NPO3) e pela família de P6 nas sextas e domingos:

2 Esse é o principal canal da VRT (Vlaamse Radio-em Televisiemroeporganisatie), empresa pública de radiodifusão da Bélgica.

Nas sextas à noite, tipo, todo mundo está em casa, comem pizza juntos e assistem TV. (...) E domingo à noite era [antes de ir pra universidade] tradicionalmente o momento de ver um programa de quiz e algo como uma série policial ou algo do tipo no één (Entrevista com P6 – Tradução nossa).

Durante a entrevista, P6 explicou que, com a assinatura da Netflix de sua mãe, as práticas de assistência mudaram um pouco em sua casa, mas ela e a família tentavam manter o hábito de assistir algo coletivamente, para ter um momento “oficial” de reunir a todos. A TV, agora “abastecida” de conteúdo sob demanda, ainda é um ponto de encontro e, para exemplificar isso, temos um dos cartões de P6, na qual ela registra que assistiu a episódios da série ‘Sherlock’ (4^a temporada), disponível na Netflix, assistida na *Smart TV* da sala de estar da casa de seus pais, junto com a sua família e o namorado.

P4 também mencionou que, para ela, faz diferença assistir algo junto a alguém, especialmente quando ela vivia na casa dos pais:

Eu acho que quando eu ainda morava em casa eu assistia mais, tipo, filmes de ação e programas de ação, porque eu estava com o meu pai. Então, eu estava sempre, tipo, também buscando por programas de TV, porque eu queria que ele sentasse perto de mim e assistíssemos juntos. Mas agora eu não estou mais tão no clima da ação mais, porque estou sozinha e realmente, tipo, escolhendo as minhas coisas (Entrevista com P4 – Tradução nossa).

Apesar de terem sido identificadas diversas práticas coletivas nos diários das dez participantes, é importante mencionar que os momentos em que elas estavam assistindo conteúdo por conta própria ocorreram ligeiramente mais (55,7%) do que aqueles nos quais as participantes estavam acompanhadas (44,3%). Para algumas participantes, essa diferença é mais visível. Cinco das dez participantes tiveram mais de 60% de seus cartões mostrando que elas assistiam sozinhas, chegando a 92% no caso de P6 e 84% de P10, mesmo que ambas tenham enfatizado a importância de estarem acompanhadas e assistir TV com a família. Somente P2, P7 e P9 tiveram a maioria de seus cartões ligados a momentos de assistência coletiva (51%, 75% e 68%, respectivamente).

Fontes de conteúdo/Provedores

Baseados no conteúdo de todos os 307 cartões, 32 diferentes provedores foram identificados (ver Tabela 3). Os provedores mais citados nos cartões foram Netflix (28,6%), YouTube (23,7%), Facebook (11,7%) e o canal één da emissora pública belga de radiodifusão VRT (6,5%). Houve também 12 cartões (3,9%) com conteúdo do Popcorn Time (um programa de computador para baixar e assistir filmes e séries gratuitamente) e

outros 12 (3,9%) do Instagram. Oito de dez participantes relataram assistir conteúdo da Netflix. Em seguida vem o Facebook (sete participantes), YouTube e één (seis cada) e Popcorn Time (três).

Tabela 3 - Porcentagem de cartões por categoria de provedor

Categoria	Cartões (%)
Sites de redes sociais (YouTube, Facebook, Instagram) ³	39,4
Plataforma paga de vídeo sob demanda (Netflix)	28,6
Emissora pública belga - VRT (één, Canvas, Ketnet)	7,8
Emissoras comerciais belgas (Q2, Vier, Vijf, Vitaya, VTM)	5,8
Plataforma gratuita de vídeo sob demanda (Popcorn Time, outras)	4,5
Canais internacionais disponíveis na TV a cabo (BBC, CNN, Comedy Central, Discovery Channel, HBO, MTV)	3,5
Emissora pública holandesa - NPO (NPO3)	1,9
Emissoras comerciais holandesas (RTL, Spike ⁴)	0,9
DVD	0,9
Cinema	0,9
Páginas de notícias (Le Monde, TF1.fr)	0,6
Conteúdo próprio	0,3
Outros (material educacionais, mostras em museus)	4,2

Fonte: Criada pelos autores.

Cruzando os dados de fontes de conteúdo/provedores com o tipo de conteúdo, classificados por ao vivo, gravado (no dispositivo, sem utilizar conexão de *Internet*) e sob demanda (que precisa de um dispositivo conectado à *Internet*), vimos que somente 6,1% do total dos 307 cartões reportou conteúdo ao vivo (5,2% na TV e 0,9% no *notebook*) e 7,4% foram gravados e assistidos no aparelho de TV. Mesmo o conteúdo produzido por grupos tradicionais de mídia, transmitidos primordialmente ao vivo, foram assistidos predominantemente *online* e sob demanda.

De 50 cartões (16,2%) que mencionam programas de emissoras da Holanda e da Bélgica, 5,8% eram sob demanda, 5,8% eram gravados e somente 4,5% eram ao vivo. Entre esses, 7,8% se refere a conteúdo produzido pela VRT, 6,5% pelo canal één. Entretanto, 3,9% desse total foi assistido na plataforma *online* één.be (2,9% sob demanda e 0,9% ao vivo) e 2,6% pelo aparelho de TV ligado no één (1,6% ao vivo e 0,9% gravado).

3 Adotamos a definição de site de rede social proposta por Recuero (2017).

4 Emissora holandesa baseada em canal americano de mesmo nome, produzindo conteúdo em holandês/neerlandês e disponível na Holanda e em Flandres (Bélgica).

Das seis participantes que citaram esses provedores em seus diários, quatro delas assistiram programas somente no aparelho de TV, uma na plataforma *online* e één no *notebook* e uma assistiu tanto na TV quanto *online*.

Diferentes telas e diversidade de conteúdos

Do total de cartões coletados no estudo, 52,1% citaram o *notebook* como tela de assistência, 19,8% o *smartphone* e 20,1% a TV (sendo 13,3% o aparelho tradicional, 4,2% a *Smart TV* e 2,6% conexão entre TV e *notebook*)⁵.

Quando observamos o uso de telas por participante, o *notebook* aparece como o mais usado para cinco das dez participantes, alcançando 83,7% dos cartões de P1. Para P6, 92% de sua assistência foi no *smartphone*, onde ela assiste principalmente a vídeos curtos e *online*. P3, por outro lado, assistiu 47,3% do conteúdo registrado em seu diário usando o *tablet* e 31,5% na tela da TV na casa do seu pai. P4 e P7 registraram, principalmente, situações envolvendo a tela da TV: 91,6% no caso de P7 (sendo 33% conectada ao *notebook*) e 84,8% no caso de P4, pela *Smart TV*.

A participante que proporcionalmente assistiu a mais conteúdo pela TV em si, sem nenhuma conexão à *Internet* ou outro dispositivo, foi P7 (26,3%), seguida por P9 (23,1%) e P3 (22,5%). As outras tiveram entre 85-90% de suas assistências em telas portáteis conectadas à *Internet* ou *Smart TV*, com ênfase no uso da conexão *Wi-Fi*. Como explicado anteriormente, somente P2 e P9 registraram que elas às vezes usam os dados móveis para conectar seus dispositivos. Em somente um dos cartões, P2 registrou que ela assistiu, por alguns minutos, *stories* do Instagram em uma sala de espera. E P9 mencionou em 36,5% dos cartões dela o uso do Facebook e do YouTube para assistir clipes curtos enquanto ela estava fora de casa (na estação de trem), assim como vídeos mais longos em casa, incluindo filmes e séries via Popcorn Time e Netflix.

Em relação ao gênero do conteúdo assistido pelas participantes é clara a preferência por conteúdo *online*, como séries, filmes, *vlogs* e pequenos clipes nas redes sociais. O conteúdo mais citado foi séries *online*, especialmente as disponíveis na Netflix, sendo quase 30% dos 307 cartões, de nove participantes. Entre elas, 8,1% dos cartões foram relacionados a “Breaking Bad” (P1 e P2); e 5,8% a “Stranger Things” (P1, P3, P4, P7 e P9), assistidas na Netflix, mas também no Popcorn Time. Depois disso apareceram 9,7% dos cartões de sete participantes (P1, P2, P5, P6, P8, P9 e P10) relacionados a clipes ou vídeos curtos que circulam na *timeline* de sites de redes sociais (especialmente Facebook, YouTube e Instagram) e 8,1% dos cartões que mencionavam *vlogs* (P1, P2, P3, P9 e P10).

⁵ Isso não inclui o uso de *notebook*, *smartphone* ou *tablet* como segunda tela, apesar da maioria das participantes, exceto P10, confirmarem que usam ocasionalmente enquanto assistem TV e outras telas.

Como se pode observar, entre os conteúdos mais assistidos que identificamos nos diários, não há programas produzidos por emissoras nacionais, nem na língua nativa das participantes. Mesmo que *youtubers* falantes de holandês/neerlandês tenham sido mencionados, a maioria dos assistidos eram americanos, como esclarecido durante as entrevistas. Quando perguntadas sobre esse perfil de assistência, muitas participantes expressaram surpresa já antes, devido à presença da TV na casa de seus pais, elas costumavam assistir mais a conteúdos nacionais. Para P5, isso é interessante porque é uma forma de praticar inglês, enquanto P1 lamentou o fato de ter menos conteúdo nacional em seus cartões.

Em geral, a maioria do conteúdo assistido pelas participantes, com exceção de filmes e episódios de séries, é curto e a assistência acontece em sequência a outros vídeos. O montante de vídeos curtos assistidos é regulado pelo tempo disponível, seja durante os intervalos de estudo, refeições, momentos de procrastinação e/ou para relaxar ou mesmo em ocasiões de assistência planejadas no final de semana. Pelo fato de serem mais curtos, estes conteúdos são mais frequentes e se espalham por diferentes vezes pelo dia, mesmo que as práticas de consumo sejam similares, como apresentamos na próxima seção.

Fluxos Interacionais

Dada a pluralidade de conteúdo disponível em diferentes plataformas, avaliar com precisão em qual tela a audiência está assistindo algo é praticamente impossível hoje em dia. De acordo com Orozco Gómez (2010, 2011), estamos vivenciando um “trânsito de audiências”, o que significa dizer que a TV e seu conteúdo está em todo lugar e que os espectadores se movimentam por diferentes ambientes digitais e telas, complementando a assistência do conteúdo televisivo. O atual contexto requer formas criativas de observações e análises.

É por isso que, além de identificar práticas de assistência de vídeo e suas frequências, nosso foco foi mapear os *fluxos interacionais* estabelecidos pelas participantes com base na combinação de diferentes elementos (tempo, local, gênero, tela, provedor, tipo de conteúdo, conexão).

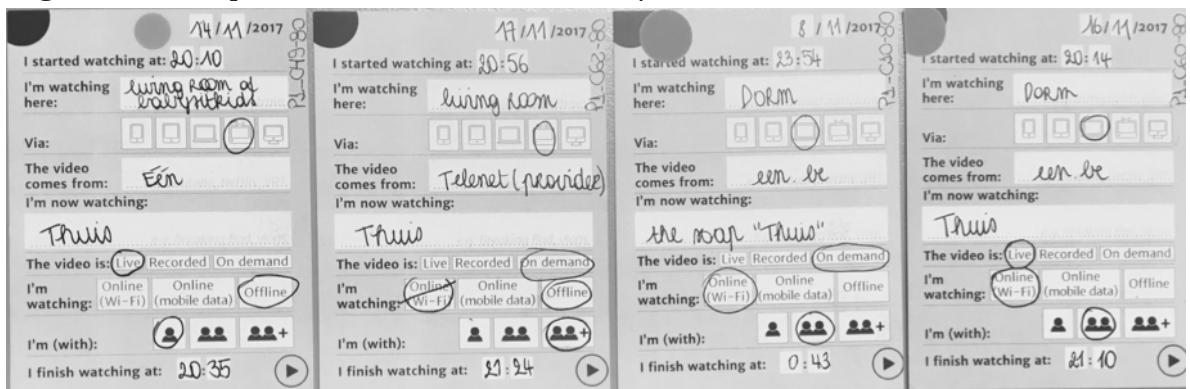
Para alcançar isso de maneira estruturada, nos baseamos nas linhas do tempo montadas com os cartões das participantes e identificamos quatro *fluxos interacionais* comuns entre elas, cada qual com um elemento específico como parte central da experiência.

Fluxo 1 – Meu conteúdo favorito, não importa aonde

Nos diários de P1 e P2 notamos um programa recorrente: a novela “Thuis”. Dentre os 20 cartões (6,5%) referentes ao canal één, 4,2% mencionavam esse conteúdo. A quantidade de cartões referentes a esse programa nos permite observar um claro exemplo das múltiplas possibilidades de assistência hoje disponíveis.

Na Figura 3, podemos ver como um programa específico, acompanhado diariamente por P1, guia as suas práticas e, com base nesse interesse, ela combina diferentes elementos para assistir a novela toda noite, independente de onde esteja (sala de estar, quarto de estudante, quarto na casa dos pais) e usando a tela que estiver disponível.

Figura 3 - Exemplos de cartões relacionadas ao fluxo interacional 1



Fonte: Acervo da pesquisa.

O primeiro cartão ilustra uma maneira mais tradicional de assistência, que é o programa sendo transmitido ao vivo pela TV, sem necessidade de conexão com a *Internet*, assistido na sala de estar dos pais de P1. No segundo cartão, embora ainda na sala de estar e usando a TV, a fonte de conteúdo muda, já que é um vídeo disponível via provedor à cabo (Telenet), que oferece conteúdo sob demanda do canal één através de sua própria plataforma. No terceiro caso, o local é o quarto de P1 em sua residência estudantil e, por não dispor de TV, a assistência ocorre na plataforma de vídeo sob demanda da één, no *notebook* conectado ao *Wi-Fi*. Por último, temos o quarto cartão com um formato parecido do terceiro, utilizando o *notebook* e assistindo *online* na residência estudantil, mas o conteúdo é assistido ao vivo via plataforma do één, o que permite interações simultâneas com outros espectadores que acompanham o conteúdo pela TV ou outros dispositivos *online*, como P1 faz.

O elemento período do dia nunca varia neste fluxo e todos os cartões reportam momentos de assistência à noite, que duram cerca de 30 minutos (cada episódio tem 25 minutos). Na maior parte dos cartões nos quais P1 assiste “*Thuis*”, ela estava acompanhada.

A recorrência de práticas de assistência através de dispositivos conectados à *Internet* identificados nos cartões de P1 e P2 é uma consequência direta do fato de ambas não terem um aparelho tradicional de TV na residência estudantil em que moram. As garotas enfatizam como sentem falta de ter um aparelho de TV, especialmente P1, que diz que se ela tivesse um em seu quarto da residência estudantil, certamente assistiria a mais conteúdo ao vivo do que sob demanda. A participante se refere aos programas ao vivo que costumava

assistir quando vivia com seus pais e que parou de acompanhar por que “não é a mesma experiência” (Entrevista com P1 - Tradução nossa) de assisti-los gravado ou sob demanda.

Fluxo 2 – Relaxando à noite⁶ na sala de estar

Esse fluxo foi identificado em vários diários (P3, P4, P5, P7, P8, P10 e um cartão de P6) e é caracterizado pelo momento em que nossas participantes querem relaxar na sala de estar assistindo a algo na tela da TV, o que pode ocorrer em um aparelho normal de TV, uma *Smart TV* ou via conexão entre TV e *notebook*. Em geral, a TV é a tela a qual dedicar atenção, mas dependendo do conteúdo ela também pode servir como ponto de encontro (P3, P4, P5, P6, P7, P9 e P10) ou pano de fundo enquanto se faz outra atividade (P3, P4, P7 e P10). Como no Fluxo 1, as situações de assistência acontecem principalmente em companhia (pais, companheiro, amigos). Muitas delas ocorreram durante a noite ou de madrugada, especialmente em finais de semana (incluindo as noites de sexta-feira).

Mesmo que a tela e o local sejam os mesmos (como no passado), o conteúdo varia muito, indo de vídeos informativos como documentários, a de entretenimento, como episódios de séries, filmes, programas ao vivo, *reality* ou *talent shows*.

O conteúdo variava não somente em gênero, mas também em tipo. A maior parte dos cartões se referiu a conteúdo sob demanda (P4, P5, P6 e P7) e gravado (P4, P8 e P9). Conteúdos ao vivo foram mencionados por P3, P5, P7, P8, P9 e P10. É interessante destacar que os únicos dois cartões reportando conteúdo de notícias (P9 assistia CNN e P3 o “Het journaal” no canal één) estão relacionados a esse fluxo, sendo a primeira situação com conteúdo ao vivo e a segunda com vídeo gravado. Em 75% dos cartões de P7, as situações se deram na sala de estar, usando o *notebook* conectado por cabo à tela da TV e pelo ar por *Wi-Fi*. O conteúdo era sob demanda provido pelo Popcorn Time. Isso também ocorreu com P4, que teve 54% dos cartões dela reportando que assistiu conteúdo sob demanda na sala de estar de casa, em seu caso via Netflix, usando uma *Smart TV* conectada ao *Wi-Fi*.

As participantes às vezes planejavam e agendavam um tempo para assistir algo que passa ao vivo na TV, escolhiam um filme ou uma série sob demanda, assistiam ao que estivesse passando na TV, ou selecionavam algo que tivessem gravado mais cedo. O critério para escolher o conteúdo dependia se estivessem sozinhas ou não, sempre com o intuito de se descontrair e relaxar. Essa evidência nos remete ao que Barkhuus & Brown (2009, p.12 - Tradução nossa) chama “TV como o entretenimento noturno padrão”. Por outro lado, como indicado por Abreu et al (2017), um dos maiores desafios para as plataformas sob demanda era se as pessoas iriam se engajar e investir tempo procurando por algo para assistir, ao invés de somente ligar a TV e assistir ao que estivesse disponível, como acontece com a TV linear.

⁶ Inclui “noite” e “madrugada”, nas quais a maior parte das situações relatadas no fluxo ocorreu.

Nos cartões que se encaixam nesse fluxo, notamos que as jovens participantes facilmente lidam com ambas as possibilidades de seleção de conteúdo. Elas não se importam em gerenciar os recursos que o conteúdo escolhido demanda (provedor e conexão), mas também é ainda comum que fiquem “zapeando” (P3) ou somente assistindo a algo que estava passando na TV (P3, P4, P5, P7, P8, P9 e P10). Em qualquer caso, o mais importante é estar acompanhado para assistir algo de maneira concentrada ou somente como “ambiente de assistência” (BARKHUUS; BROWN, 2009, p.14 - Tradução nossa).

Fluxo 3 – Qualquer coisa na Netflix, quando eu estou livre

Da mesma forma que no Fluxo 1 o central é o conteúdo e, no Fluxo 2, é o local e o tempo, no Fluxo 3, o elemento que guia as situações de assistência é a fonte de conteúdo/provedor. Baseados no número de cartões, podemos dizer que esse foi o tipo mais comum de fluxo, identificado em todos os diários, com exceção de P7 e P10, que não possuem assinatura na Netflix. Ambas são mais acostumadas a assistir vídeo em serviços gratuitos como Popcorn Time e YouTube.

Para esse fluxo, a hora do dia sempre varia considerando que o mais importante para essas participantes é aproveitar qualquer tempo livre para assistir algo na Netflix. Isso é similar ao que McNally & Harrington (2017 - Tradução nossa) identificaram como cenários de “tempo parado/ocioso” ou de “fazendo um pausa”. As motivações aparentam ser: ocupar o tempo, descansar a mente, aliviar o estresse, evitar o tédio ou somente relaxar. Em contraste com os fluxos anteriores, aqui as práticas são, em sua maioria, individuais, mas também identificamos cartões nos quais as participantes estavam com amigos ou colegas.

Nessas situações, não há tempo para procurar e selecionar algo novo. O foco é rapidamente ocupar algum tempo livre, o que é mais fácil ao acompanhar até o fim o conteúdo já conhecido de um episódio, temporada ou série. Neste fluxo, o conteúdo é em sua maioria de séries de diferentes gêneros e temas, mas sempre na Netflix e a maior parte relacionada a narrativas ficcionais.

Esse fluxo normalmente ocorre em dias de semana e durante intervalos de aula/momentos de estudo ou ao final do dia depois de terminar atividades. Também identificamos um caso de maratona (*binge watching*) de assistência por P1 no final de semana, relacionado com este fluxo.

A tela é usualmente a que as participantes também usam para situações de trabalho ou estudo e que elas têm disponível mais facilmente, tais como o *notebook* ou *tablet*. Por outro lado, o local precisa ser onde a participante pode se concentrar e prestar total atenção ao conteúdo, como seus dormitórios individuais nas residências estudantis, mas também nos quartos da casa dos pais. Somente no caso de P2, encontramos cartões reportando a cozinha como local para este fluxo. Ela é uma das participantes com mais cartões preenchidos e suas situações de assistência – não somente relacionadas à Netflix – ocorreram em vários locais.

A combinação mais comum de elementos foi: as participantes assistindo séries sob demanda na Netflix, através de um *notebook* conectado ao Wi-Fi, no quarto da residência estudantil, principalmente sozinhas. Isso representa 58,8% dos cartões de P5, 42,1% dos de P3, 38,1% de P8, 30,6% de P2, 25% de P1 e 16% de P7.

Fluxo 4 – Passar o tempo assistindo vídeos nas redes sociais

Neste fluxo as situações são sempre *online*, pois todas são baseadas em conteúdo assistido através dos *sites* de redes sociais, especialmente YouTube, Facebook e Instagram. Para além do fato de que cada plataforma permite diferentes tipos de interação e formas de ver e compartilhar conteúdo, incluindo transmissão ao vivo e conteúdo próprio, identificamos em nosso estudo situações de assistência similares baseadas em *vlogs*, *stories* e vídeos curtos aleatórios (material educacional, videoclipes musicais, vídeos de animais, vídeos de receitas, desenhos, memes, *GIFs*, conteúdo produzido por amigos, outros), disponibilizados na *timeline* dos *sites* de redes sociais.

Esses casos foram identificados nos cartões de sete participantes (P1, P2, P5, P6, P8, P9 e P10). Ocorreu em sua maioria durante tardes e noites e também está relacionado com os cenários de “fazendo uma pausa”, “primeira coisa de manhã” e “logo antes de ir dormir” (McNALLY; HARRINGTON, 2017). Essas foram ocasiões mais curtas do que as que caracterizam o Fluxo 3 e estão relacionadas à assistência sem interrupções e procrastinação. O foco é passar o tempo, checar atualizações e se informar ou apenas relaxar.

Este pode ocorrer em qualquer lugar e durante qualquer atividade. Identificamos cartões de participantes assistindo vídeos aleatórios durante a aula, enquanto conversavam ou estudavam no restaurante universitário, na cozinha enquanto cozinhavam e/ou comiam, na sala de espera do médico, no ônibus, na estação de trem, enquanto assistiam a alguma outra coisa na TV, durante intervalos de estudo, no quarto deitadas na cama/sofá, ou no banheiro. A tela também variou um pouco entre o *smartphone* e *notebook*, especialmente em relação a conteúdo do YouTube. No caso do Facebook e do Instagram todas as participantes estavam usando o *smartphone*.

Este fluxo representa uma parte significativa dos cartões coletados, sendo 92,8% dos cartões de P6, 61,5% de P10, 51,6% de P2, 48% de P9 e 41,2% de P1. É importante lembrar que neste fluxo estamos falando de conteúdo gratuito, mais acessível para P10, que não tem assinatura da Netflix e para P6 que não tem permissão para usar a assinatura de sua mãe em dias de semana.

Tal como a TV é costumeiramente usada como pano de fundo para outras atividades e desempenhando o papel de companheira antes de dormir e ao acordar, notamos que essa prática tem sido redesenhada recentemente pelo uso de telas portáteis, especialmente a do *smartphone*, que frequentemente é agora a primeira tela que se vê ao acordar e a última

antes de dormir. De modo similar ao *zapping* de um canal a canal na TV, acessamos os *sites* de redes sociais, rolamos a *timeline* em busca de conteúdo que interessa e continuamos procurando por algo para assistir rapidamente, por um período mais curto ou mais longo, não importa exatamente o quê. Entendemos esse fluxo pode ser considerado uma nova maneira de “zapear” através do conteúdo sob demanda, em contraste ao fluxo fixo da TV.

Considerações finais

Este artigo apresentou os resultados de um estudo qualitativo sobre práticas de assistência de TV e vídeo *online*, realizado com jovens participantes do gênero feminino que moram em uma cidade universitária de médio porte na Bélgica. Concluímos que, apesar das práticas de assistência de vídeo estarem claramente mais dispersas e ocorrendo em diferentes locais, utilizando telas portáteis e conectadas, este ainda se configura como hábito prioritariamente doméstico e privado para a maioria das participantes.

Mesmo que a maioria do conteúdo assistido tenha sido sob demanda, ainda observamos práticas regulares e diárias de assistência no aparelho de TV, como documentado por pesquisas anteriores. A diferença é que, hoje em dia, novos elementos estão sendo adicionados ao contexto de assistência de vídeo, tornando-a uma prática *pluri-dimensional* através da associação de diferentes dimensões (conteúdo, provedores e telas utilizadas em diferentes locais e tempos).

A partir do agrupamento dos resultados por local, conteúdo, tela, provedor e tempo de assistência, os *fluxos interacionais* proporcionam reflexões sobre as práticas de assistência das participantes, como elas combinam diferentes recursos e quais as suas motivações para essas práticas. Como apresentado, o Fluxo 1 destaca situações onde o conteúdo é o mais importante, enquanto que no Fluxo 3 a fonte de conteúdo é o elemento central. Já o Fluxo 2 sublinha a importância social da assistência e o Fluxo 4 traz a ideia de passar tempo, enquanto leva-se em consideração quais provedores dão acesso ao conteúdo e qual o contexto social dessas práticas. Ao apresentar os resultados de nosso estudo utilizando quatro *fluxos interacionais*, oferecemos uma maneira estruturada de observar e entender a combinação tanto das novas quanto das mais tradicionais práticas de assistência de vídeo.

Embora seja difícil especular como os resultados seriam diferentes caso participantes do gênero masculino estivessem envolvidos, a participação somente de jovens do gênero feminino mostrou como práticas de assistência de vídeo são motivadas por uma gama de razões que vão além das preferências por conteúdo, que estão mais frequentemente relacionadas ao gênero e a idade.

Apesar dos resultados obtidos nesse estudo estarem ligados a um gênero em particular, não acreditamos que esse seja o fator determinante das práticas identificadas. As possibilidades de assistência de vídeo hoje em dia são tão diversas que as preferências por

conteúdo são apenas um de seus elementos definidores, mas não necessariamente o principal. Além do mais, como não reivindicamos nenhuma generalização, nossos resultados mostram como as práticas correntes de assistência podem ser analisadas e descritas utilizando os fluxos *interacionais*, sejam elas de homens ou de mulheres, ou mesmo de pessoas em outros grupos etários.

Este artigo também mostra o potencial da utilização de um diário baseado em cartões para investigar hábitos de jovens. A proposta de um diário portátil, fácil de manipular e impresso atraiu a curiosidade das participantes e as engajou no seu preenchimento. Além de ser um material diferente e intrigante para se carregar, este não distraía a atenção das participantes das telas onde elas mais assistiam vídeos, ao contrário de quando se utiliza ferramentas *online*, comumente adotadas hoje em dia para obtenção de dados. Por conta disso, acreditamos que o diário baseado em cartões utilizado nesse estudo é uma maneira frutífera de estimular a manutenção de um diário por jovens participantes. Além disso, por ser estruturado e atrativo, esse formato tem sido adotado para mapeamento e análise de dados em dois casos de estudo no Brasil.

Por fim, este estudo revela que, mais do que um recurso para coleta de dados sobre comportamentos de assistência, o diário baseado em cartões associado às entrevistas oferece uma abordagem flexível para mapear e analisar as diversas práticas de consumo midiático na sociedade contemporânea.

Referências

- ABREU, J.; NOGUEIRA, J.; BECKER, V.; CARDOSO, B. Survey of Catch-up TV and other time-shift services: a comprehensive analysis and taxonomy of linear and nonlinear television. *Telecommun Syst*, v.64, 2017, p.57-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11235-016-0157-3>. Acesso em: 25 maio 2018.
- BARKHUUS, L. Television on the Internet: new practices, new viewers. **CHI '09 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems (CHI EA '09)**. ACM, Nova York, US, 2009, p.2479-2488. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/1520340.1520351>. Acesso em: 25 maio 2018.
- BARKHUUS, L.; BROWN, B. Unpacking the television: User practices around a changing technology. **ACM Transactions on Computer-Human Interaction**, v.16, n.3, Article 15, sep. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/1592440.1592444>. Acesso em: 25 maio 2018.
- BROWN, B.; BARKHUUS, L. The television will be revolutionized: effects of PVRs and filesharing on television watching. **Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '06)**. ACM, Nova York, US, 2006, p.663-666. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/1124772.1124870>. Acesso em: 25 maio 2018.
- COURTOIS, C.; VERDEGEM, P.; DE MAREZ, L. The Triple Articulation of Media Technologies in Audiovisual Media Consumption. *Television & New Media*, v.14, n.5, 2012, p.421-439. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1177/1527476412439106>. Acesso em: 25 maio 2018.
- FECHINE, Y. Elogio à programação: repensando a televisão que não desapareceu. In: CARLÓN, M., FECHINE, Y. (Eds.). **O fim da televisão**. Brasil: Confraria do Vento, 2014, p.114-131.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** Contexto, 2014.

McNALLY, J.; HARRINGTON, B. How Millennials and Teens Consume Mobile Video. **Proceedings of the ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video (TVX '17).** ACM, Nova York, US, 2017, p.31-39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/3077548.3077555>. Acesso em: 25 maio 2018.

OROZCO GÓMEZ, G. Hacia una cultura de participación televisiva de las audiencias. Ideas para su fortalecimiento. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.7, n.19, jul. 2010, p.13-31. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i19.192>. Acesso em: 25 maio 2018.

_____. La condición comunicacional contemporánea. Desafios latino-americanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, N. (Ed.). **Analisis de recepción em América Latina: um recuento histórico con perspectivas al futuro** (1^a ed). CIESPAL, Ecuador, 2011, p.377-408.

_____. Televisão: causa e efeito em si mesma. In: CARLÓN, M.; FECHINE, Y. (Eds.). **O fim da televisão.** Brazil: Confraria do Vento, 2014, p.96-113.

OROZCO GÓMEZ, G.; GONZÁLEZ, R. **Una coartada metodológica:** abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. Mexico, D.F.: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais.** Salvador: EDUFBA, 2017.

RIGBY, J. M.; BRUMBY, D. P.; GOULD, S. J. J.; COX, A. L. Media Multitasking at Home: A Video Observation Study of Concurrent TV and Mobile Device Usage. **Proceedings of the ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video (TVX '17).** ACM, Nova York, US, 2017, p.2-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/3077548.3077560>. Acesso em: 25 maio 2018.

RUDSTRÖM, Å.; SJÖLINDER, M.; NYLANDER, S. How to choose and how to watch – An on-demand perspective on current TV practices. **SICS Technical Report T2010:03.** Stockholm, Sweden: Swedish Institute of Computer Science, 2009.

SCOLARI, C. A. ¿Adónde van las audiencias que no se quedaron?. In: OROZCO GOMÉZ, G.; WOLTON, D. (Eds.). **TVMorfosis 3: audiencias audiovisuales: consumidores en movimiento.** Mexico: Productora de Contenidos Culturales Sagahón Repoll, 2014, p.7-12.

SHOKRPOUR, A.; DARNELL, M. J. How People Multitask While Watching TV. **Proceedings of the ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video (TVX '17).** ACM, Nova York, US, 2017, p.11-19. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/3077548.3077558>. Acesso em: 25 maio 2018.

VANATTENHOVEN, J.; GEERTS D. Broadcast, Video-on-Demand, and Other Ways to Watch Television Content: a Household Perspective. **Proceedings of the ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video (TVX '15).** ACM, Nova York, US, 2015, p.73-82. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1145/2745197.2745208>. Acesso em: 25 maio 2018.

Fernanda Chocron Miranda

Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em regime de cotutela com o Programa de Doutorado da Faculdade de Ciências Sociais da Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven), na Bélgica. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e graduada em Comunicação Social também pela UFPA. Desde 2009, atua como pesquisadora colaboradora do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da UFPA (NITAE²). De dezembro de 2016 a maio de 2018 foi pesquisadora visitante no Meaningful Interactions Lab (Mintlab-KU Leuven), a partir de bolsa do projeto “Matriz comparativa de pesquisas qualitativas com usuários de tecnologias digitais”, iniciativa de cooperação internacional entre UFPA, Mintlab e UFRGS, financiada pela agência de fomento brasileira CAPES. Seus interesses de pesquisa incluem: TV digital, multimídia, consumo midiático, comunicação da ciência, educação a distância, metodologias qualitativas. E-mail: nandachocron@gmail.com.

David Geerts

Doutor em Ciências Sociais pela KU Leuven. Possui mestrado em Ciências da Comunicação pela KU Leuven e em Cultura e Comunicação pela KU Brussel. Desde 2011, atua como coordenador do Meaningful Interactions Lab (Mintlab) da KU Leuven-imec, na Faculdade de Ciências Sociais. É especializado em *design* centrado no ser humano para televisão social interativa, supervisionando e trabalhando em diversos projetos a nível local e na União Europeia sobre este tópico. É membro do IFIP TC14 WG6 on Entertainment Computing, foi coordenador geral da ACM International Conference on Interactive Experience for Television and Online Video (ACM TVX 2015) e é atualmente membro do comitê gestor do TVX. Possui mais de 100 publicações em diversas conferências internacionais e em periódicos, e regularmente profere apresentações, workshops e palestras sobre tópicos relacionados à Intereração Humano-Computador. E-mail: david.geerts@kuleuven.be.

Recebido em: 25.05.2018

Aprovado em: 30.10.2018

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

